

INFORMATIVO DA FRENTE PARLAMENTAR DO SETOR QUÍMICO, PETROQUÍMICO E PLÁSTICO DO BRASIL

“Não existe país forte sem Indústria Química,
Petroquímica e Plástico Competitiva”

Deputado Federal Vanderlei Siraque

Informativo da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, Ano II, nº LVIII

BNDES realiza “5º Seminário do Estudo Oportunidades de Diversificação da Indústria Química Brasileira”

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) promove na próxima terça-feira (16/09) o “5º Seminário do Estudo – Oportunidades de Diversificação da Indústria Química Brasileira”, no centro do Rio de Janeiro (RJ). Trata-se de uma nova etapa do estudo realizado pelo consórcio Bain Company/ Gas Energy. O deputado federal Vanderlei Siraque (PT/SP), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, irá a capital fluminense para participar do evento. O trabalho integra o Plano Brasil Maior desde maio de 2012 e faz parte da agenda estruturante, de médio prazo.

O BNDES identificou oportunidades na diversificação da indústria química nacional para além do setor petroquímico, de fertilizantes e de produtos farmacêuticos. Para identificar quais segmentos dentro do setor químico com maior potencial de produção nacional, o Banco indica as melhores oportunidades e, a partir daí, traça medidas públicas para incentivar seu desenvolvimento. “Queremos dar os meios para que os investimentos se realizem a partir do estudo”,



afirma o chefe do Departamento de Indústria Química do BNDES, Gabriel Gomes. Segundo ele, outros mercados potenciais são relacionados a aditivos para construção civil e o setor de alimentos. “As oportunidades estão em clusters agrícolas, agropecuário, construção civil e infraestrutura, cosméticos e a parte de higiene pessoal e limpeza”, enumera.

De 1991 até 2010, 533 fábricas do setor da indústria química foram fechadas no país. Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) estão em nível muito menor que no mundo. Isso porque o foco da nossa indústria está nos produtos básicos, que demandam menos de P&D. Grande parte dos produtos de performance mais alta é desenvolvida lá fora por multinacionais. Para

incentivar a pesquisa no país, a agenda de curto e médio prazo, é incentivar os investimentos - hoje para cada R\$ 10 gastos, R\$ 2 são devolvidos pela lei de incentivo fiscal; a desoneração das matérias-primas - concedida pelo governo para empresas químicas de primeira e segunda geração, desonerando PIS/Cofins; e, por fim, realizar uma política de utilização do gás natural como matéria-prima.

Empresários, acadêmicos e governo discutem políticas públicas e bioeconomia no Seminário Abiquim de Tecnologia e Inovação 2014

Nos dias 8 e 9 de setembro, foi realizado o Seminário Abiquim de Tecnologia e Inovação 2014 no Rio de Janeiro (RJ). Participaram da abertura do evento o secretário-executivo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Alvaro Prata, o diretor do Departamento de Indústrias de Base Tecnológica do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Alexandre Cabral, o presidente do Sindicato da Indústria Química do Estado do Rio de Janeiro, Issac Plachta, o vice-presidente do Conselho Diretor da Abiquim e diretor superintendente da Oxiteno, João Benjamin Parolin, e o coordenador da Comissão de Tecnologia da Abiquim, Paulo Coutinho. Também estiveram presentes representantes da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do Instituto

Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

Durante o evento, foram apresentados painéis e palestras sobre temas como bioeconomia, capital humano e capacitação de mão de obra, investimento em tecnologia, políticas públicas de fomento à inovação, os desafios de trazer tecnologia de ponta para o Brasil, o impacto da P&D no desenvolvimento e suprimento de matérias-primas renováveis, produtos químicos de origem renovável e biotecnologia industrial, além da apresentação de cases de sucesso em inovação tecnológica.



Importação e carência de pessoal inibem desenvolvimento do setor químico brasileiro, diz Abiquim

Com participação de US\$ 32 bilhões de toda a cadeia química no déficit da balança comercial brasileira de produtos industrializados no ano passado, o setor mostra que seu desenvolvimento não foi beneficiado pelas conquistas econômicas e sociais que ocorreram recentemente no país, de acordo com a gerente de Tecnologia e Inovação da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), Mariana Dória. No ano passado, o déficit dos manufaturados atingiu US\$ 105 bilhões.

Em análise para a Agência Brasil, ao participar do Seminário Abiquim de Tecnologia e Inovação, aberto na segunda-feira (08/09), no Rio de Janeiro (RJ), ela disse que “todo o desenvolvimento que ocorreu no país, a expansão da classe média, não beneficiaram diretamente o setor. Ele foi suprido com produtos de maior valor agregado, proveniente de fora”. A gente importa produtos químicos, de maior valor agregado, e exporta produtos químicos de menor valor agregado, informou.

Mariana acrescentou que se considerar toda a cadeia química, em especial fármacos e química fina, ocorre uma importação muito significativa e uma exportação mais de produtos de uso industrial, de commodities (produtos agrícolas e minerais comercializados no mercado internacional). Segundo ela, para que haja superação do déficit é preciso agregar valor ao produto químico nacional. “É necessário agregarmos tecnologia”, ressaltou.

Intensivo em tecnologia, o setor químico se ressentia da falta de profissionais qualificados, em especial mestres e doutores que desenvolvam tecnologia e inovação para o mercado, difíceis de serem encontrados. Segundo a gerente da Abiquim, a mão de obra especializada evoluiu muito no Brasil, nos últimos 20 anos, mas até ter maturidade e formar um pesquisador leva tempo. “Mesmo com todos os incentivos existentes, os profissionais vão dar resultado somente em cinco ou dez anos. Não menos tempo do que isso” estimou.



A gerente de Tecnologia e Inovação da Abiquim, Mariana Dória

Houve avanços, na última década, em termos de marcos regulatórios e instrumentos de fomento à inovação, comentou, e “nos últimos dois anos, teve novos instrumentos de fomento que auxiliaram muito a indústria a buscar o caminho da inovação”. Mariana Dória lembrou que, muitas vezes, como a inovação no setor apresenta muito risco, tem retorno somente no médio e longo prazo e carece de altos investimentos, e “não é possível a indústria fazer, sozinha, esses investimentos”. O retorno só ocorre no prazo de dez a 15 anos, destacou. Daí a importância da parceria com o governo.

O seminário discutiu as particularidades e os incentivos à inovação no setor químico nacional. Mariana defende o trabalho em conjunto entre governo, centros de pesquisa e empresas para incentivar o desenvolvimento tecnológico da indústria química, pois “a gente precisa sempre da sinergia entre os três atores”.

Destacou, entretanto, que ainda faltam linhas de fomento específicas para escalonamento industrial, “porque são investimentos, às vezes, de dez anos para tirar o projeto da bancada e colocar em uma planta industrial”. Existem também gargalos que Mariana incluiu no chamado custo Brasil. Ela disse que é muito caro construir centros de pesquisa no país, “porque você precisa de muitas máquinas e equipamentos laboratoriais, todos importados. É caro importar, e existem não só taxas, mas toda burocracia. Às vezes, você demora seis ou oito meses para ter uma máquina no seu laboratório, e isso retarda e encarece a pesquisa”, sinalizou.

A inovação tecnológica é considerada fator estratégico para a competitividade da indústria química brasileira. Único evento de tecnologia do setor químico no Brasil, o seminário da Abiquim teve por objetivo discutir o desenvolvimento do setor que leve em conta a sustentabilidade, a geração do conhecimento e o aumento do emprego de alta qualidade no país.